

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

GEANE SALES MUNIZ

**ZONAS DE CONTATO E TRANSCULTURAÇÃO EM GONÇALVES DIAS: UM
DIÁLOGO ENTRE ETNOGRAFIA E FICÇÃO NO *BRASIL E OCEANIA, OS
TIMBIRAS & I-JUCA PIRAMA***

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, da
Universidade do Estado do Amazonas, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras.

GEANE SALES MUNIZ

**ZONAS DE CONTATO E TRANSCULTURAÇÃO EM GONÇALVES DIAS: UM
DIÁLOGO ENTRE ETNOGRAFIA E FICÇÃO NO *BRASIL E OCEANIA, OS
TIMBIRAS & I-JUCA PIRAMA***

Aprovada em _18_/12_/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste
Orientador

Professora Mestre Dilce Pio Nascimento
Banca Interna

Professor Mestre Wesley Dias Cerdeira
Banca Externa

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

M963z	<p>Muniz, Geane sales muniz</p> <p>Zonas de contato e transculturação em Gonçalves Dias : um diálogo entre etnografia e ficção no brasil e oceania, os timbiras e & ijuca pirama. / Geane sales muniz Muniz; . Manaus : [s.n], 2025.</p> <p>29 f. : ; 21.0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.</p> <p>Inclui Bibliografia.</p> <p>Orientador: Weberson Fernades grizoste.</p> <p>1. Pós-colonialidade. 2. Gonçalves Dias. 3. Etnografia. 4. ficção. 5. Zonas de contato. I. , II. Weberson Fernades grizoste (Orient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título</p> <p>CDU(1997)81</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo o que fez e faz na minha vida, por todas as oportunidades e experiências vividas na minha vida espiritual, acadêmica e familiar. Agradeço pela força, pelo acalento na hora da amargura e desespero e pela paz em meio às tempestades.

Em segundo lugar, agradeço aos meus filhos Lorrana e João Pedro, pela paciência na ausência em me esperar nesses últimos anos, e por entenderem que o estudo também é importante para mim.

Agradeço aos meus pais, Pedro e Genilza, que me ajudaram financeiramente a realizar alguns objetivos nesses últimos semestres. A minha mãe, que sempre me ajudava a comprar a refeição quando eu não podia retornar para casa, e ao meu pai, por pagar a minha sessão de fotos.

Agradeço em especial a minha irmã Marcilene Sales, “ela tem cheiro de mãe”, e que sempre esteve disposta a me ajudar em tudo, até quando não tinha jeito, ela dava um jeito. E a minha tia Lucinete Sales, que foi crucial nesses últimos dias, me dando as forças de que eu mais preciso.

Agradeço também a minha sobrinha Daniela Lima, que sempre me ajudou quando precisei de alguns detalhes bem importantes (risos).

Agradeço imensamente a paciência, a compreensão e pela oportunidade na pesquisa ao meu orientador Weberson Fernandes Grizoste. O Senhor é um herói!

Abro espaço neste momento para agradecer à Dona Dilma pela disposição em me auxiliar e pela generosidade no atendimento, sempre maravilhosa. Expresso também minha profunda gratidão à professora Dilce Pio, que me ouviu em um dos momentos mais tristes e importantes nesses últimos dias, pois me fez enxergar o quanto eu não estava bem e precisava de ajuda.

Agradeço também a todo o Colegiado de Letras por todo ensinamento e dedicação durante o meu processo de formação. Eu sou fruto do trabalho de vocês, muito obrigado.

Em especial, a professora Patrícia e a peripécia (Gleidys Maia).

Gratidão e carinho eternos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, que representa a superação de uma jornada de fé, resiliência e ressignificação, primeiramente a Deus, fonte de toda força, sabedoria e poder.

Às minhas flechas, Lorrana Melo e João Pedro Melo, que me inspiraram a nunca desistir, mesmo quando não existia um caminho. Com eles, eu posso ir além.

Ao meu pai, que, quando criança, sempre me falava “minha filha, estuda para você ser alguém na vida.” Quando eu cheguei na faculdade, descobri que já era alguém, mas o meu pai foi a minha maior vontade inicial de querer sempre estudar e buscar o melhor. Ele é o meu exemplo de um bom pai; toda educação, princípios e valores foram gerados por ti. Muito obrigado, pois eu venci. É apenas o começo de uma nova história que se inicia. Pois eu achei, por um momento, até o presente em que escrevo essas palavras, que eu não iria conseguir, mas Deus me sustentou e por isso estou aqui.

“Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; a ele seja a glória para sempre! Amém.” (Romanos 11:36).

RESUMO

O presente artigo realiza uma análise crítica dos textos de Gonçalves Dias: monografia *Brasil e Oceania* (1909), estabelecendo um diálogo com os poemas épicos *Os Timbiras* (1851) e *I-Juca Pirama* (1969). A investigação busca evidenciar como o olhar etnográfico de Gonçalves Dias sobre as semelhanças entre os povos originários da América e da Oceania influencia a construção mítica do "índio nacional" e de que maneira esses registros se aproximam ou se distanciam da historiografia oficial. Tais obras questionam as narrativas hegemônicas não apenas do período colonial, mas também aquelas que perpassam o século XIX e persistem na contemporaneidade. O método adotado é a pesquisa bibliográfica e a análise documental, com foco em fontes que discutem o contexto das obras etnográficas e literárias de Gonçalves Dias. A partir dessa perspectiva, o trabalho busca romper com a visão unívoca de um esforço europeu de descrever o Outro, validando, a construção simbólica das transculturações. Conclui-se que a análise se concentra nas zonas de contato estabelecidas entre os discursos da história oficial e a produção literária e científica do autor.

Palavras-chave: Pós-colonialidade, Gonçalves Dias, etnografia, ficção, zonas de contato.

ABSTRACT

This article aims to perform a critical analysis of the monograph *Brazil and Oceania* in dialogue with the poems *Os Timbiras* and *I-Juca Pirama*. The investigation seeks to highlight how these records influence or depart from the construction of history and the myths of a nation. Such works challenge hegemonic narratives not only from the colonial period, but also those that span the nineteenth century and persist in the present. The method adopted is bibliographical research and documentary analysis, focusing on sources that discuss the context of Gonçalves Dias's ethnographic and literary works. From that perspective, the work seeks to break with the unambiguous vision of a European effort to describe the Other, validating, in turn, the symbolic and cultural construction of transculturation. Thus, the analysis focuses on the contact zones that are established between the discourses of the official history of Brazilian colonization and the production of Gonçalves Dias.

Key-words: Post-coloniality, Gonçalves Dias, ethnography, fiction, contact zones.

Zonas de contato e transculturação em Gonçalves Dias: um diálogo entre etnografia e ficção no *Brasil e Oceania, Os Timbiras & I-Juca Pirama*

Geane Sales Muniz (CESP/UEA)

Orientador: Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (CESP/UEA)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa a monografia *Brasil e Oceania* e os poemas *I-Juca Pirama* e *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias. Neles analisaremos como os processos culturais de zonas de contato e transculturação se manifestam no diálogo entre etnografia e ficção, examinando a construção das relações de poder e organização nas obras, seja por meio de relatos ficcionais ou etnográficos.

O interesse pela temática originou-se durante a pesquisa de iniciação científica, que visava retratar a leitura de Gonçalves Dias sobre a Amazônia por meio de suas pesquisas etnográficas. O estudo concentrou-se nas descrições presentes no seu diário de viagem ao Amazonas, nos artigos da *História Pátria* e da sua monografia *Brasil e Oceania* – estes, apresentados ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB).

Ao longo da pesquisa, observamos que as descrições e relatos construídos pelo poeta apresentam temáticas e assuntos semelhantes. Tais complexidades aproximam sua obra do estudo da pós-colonialidade – e esta análise é heurística, não acusatória; analítica, não normativa, aplicando o conceito aos efeitos discursivos de Gonçalves Dias, e não as intenções históricas do autor, na qual a representação do indígena se constitui em um retrato multifacetado e ambíguo. Ao descrever e supostamente dar voz ao seu objeto literário e de pesquisa mais celebrado, o poeta demonstrou não apenas uma amálgama de elementos de sua pesquisa etnográfica com a ficção de suas poesias, mas também evidenciou processos culturais nas dinâmicas dos povos por ele estudados. Portanto, o que se vê aqui é uma leitura retrospectiva, uma análise por deslocamento crítico.

Diante disso, este trabalho propõe analisar três gêneros textuais de Gonçalves Dias, o monográfico, o lírico e o épico, sob a perspectiva da pós-colonialidade. O objetivo é comparar e demonstrar, por meio de uma análise crítico-literária, as zonas de contato e

os processos de transculturação presentes em cada gênero. Assim, ultrapassando o viés etnográfico e o hibridismo em seus poemas, abrangendo tanto os textos anteriores quanto os posteriores, a escrita de *Brasil e Oceania* (1909).

A relevância deste estudo reside na proposição de uma leitura mais aprofundada da obra de Gonçalves Dias sob uma perspectiva pós-colonial. Nossa proposta não visa invalidar os estudos anteriores, mas sim contribuir para novas análises nos campos cultural e literário, em diálogo com teorias que buscam questionar o lugar do “outro” nas narrativas oficiais. Essa abordagem se justifica, pois, conforme afirma Pereira (2016, p.153), “Gonçalves Dias nos marcou profundamente, [e] o que ele sentiu e disse tem influência, significação, [e] importância”. Dessa forma, suas obras constituem-se em fontes inesgotáveis de análise para rever criticamente o passado e contribuir para a compreensão da identidade nacional no presente.

Nesse sentido, este trabalho se baseia em uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica. O objeto de análise consiste em três obras de Gonçalves Dias: a monografia *Brasil e Oceania*, o poema *I-Juca pirama* e o épico inacabado *Os Timbiras*. A análise é construída sob a perspectiva da pós-colonialidade como lente crítica, utilizando os conceitos de zonas de contato e transculturação, propostos por Mary Louise Pratt, e o hibridismo de Homi Bhababa. Obviamente que a aplicação destes conceitos contemporâneos de teoria pós-colonial a obras do século XIX deve ser feita com devidos cuidados de anacronismo crítico e neste sentido advertimos que o cuidado foi tomado nesta leitura.

O percurso metodológico adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise interpretativa de trechos selecionados que articulam o pensamento científico e literário do autor. A seleção das passagens busca identificar uma ligação temática transcontinental entre os povos da América e da Oceania, servindo como base para discutir os conceitos de hibridismo cultural e transculturação (nos moldes dos autores citados no trabalho). Sob essa ótica, o trabalho analisa como os textos de Gonçalves Dias operam como registros de tensões culturais, revelando as estratégias de luta e as transformações identitárias que emergem das zonas de contato.

Esses processos não apenas movem e sustentam a pesquisa, mas também contribuem para a compreensão de que os encontros culturais na obra do poeta se manifestam em dimensões não apenas geográficas, mas essencialmente literárias.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

A escrita de uma história ou de uma narrativa sobre determinado lugar ou nação se constrói com base em pressupostos ideológicos que legitimam ou invisibilizam aquilo que os olhos imperiais consideram relevante e fundador de uma única visão sobre povos ou épocas historiográficas.

Nessa perspectiva, a prática de narrar e descrever o “outro” instituiu uma verdade única na história da nação brasileira. Essa verdade legitimou, de forma secundária, a figura do indígena histórico desde a chegada do colonizador, a partir da carta de Pero Vaz de Caminha até a transição da segunda metade do século XIX, notadamente nos movimentos indianista ou indigenista do pós-independência brasileiro. Nesse processo, o indígena continuou a ser descrito e registrado como nas primeiras narrativas oficiais, propagando e legitimando uma figura em iminente extinção e invisibilizando aquele que se mantinha em luta por territórios. É nessa ótica que, segundo Oliveira (2006), emerge uma visão utópica de Gonçalves Dias, que se contrapõe aos interesses da colonização, afirmando uma postura anticolonialista:

As narrativas do período colonial observavam no índio e em todo o seu complexo cultural um universo que deveria ser eliminado ou ao menos reestruturado para dar lugar a uma construção política e simbólica baseada nos pressupostos trazidos d'além-mar. A poesia Indianista de Gonçalves Dias, por sua vez, promove uma inversão. Desse discurso colonizador em favor de um discurso nacionalista maximamente identificado com a ancestralidade nativa: o mesmo Universo indígena pré-cabralino que para os primeiros era algo a ser superado, para o segundo passa a ser positivamente evocado. Ao mesmo tempo, a estrutura colonial de visão e interesse europeus que legitimava o massacre dos nativos e que antes fora afirmada como positiva passa a ser negada pelo poeta romântico-nacionalista. (OLIVEIRA, 2006, p. 145).

Aquilo que, para Oliveira, se organiza em uma utopia gonçalvina se fundamenta no uso da literatura como ferramenta de denúncia e política. O poeta, ao assumir uma postura de oposição ao pensamento hegemônico, posicionava-se contra as práticas persistentes da mentalidade colonial. Seu retrato do indígena surge humanizado em uma antipoética que buscava trazer à tona os problemas circundantes da situação dos povos indígenas no século XIX, questão ignorada pela história e pela crítica da época, que elevavam o indígena apenas a símbolo nacional, desconsiderando o seu contexto real.

Nesse sentido, o poeta Gonçalves Dias buscava não só visibilizar a importância do indígena na história brasileira. Conforme aponta Grizoste (2013, p.96), o poeta realizava essa missão através da valorização da língua influenciada pelo tupi, a qual

possuía menor prestígio se comparada ao valor político e divisor da língua portuguesa de Portugal.

Ambas as perspectivas, no entanto, tornaram-se alvo de críticas por parte do historiador, que discordava das intenções de Gonçalves Dias. Varganhen defendia ser desnecessário introduzir a história dos indígenas na narrativa nacional, tratando-os como elementos prejudiciais que deveriam ser discriminados. Sua crítica abrangia não só as narrativas e a manifestação de sua língua, mas também a própria presença indígena no território.

Compreendendo essa linha de reflexão, a teórica Pratt, em sua obra *Os Olhos do Império* (1999), propõe-se a analisar as relações de poder por meio dos olhares imperiais de viajantes e dos sistemas políticos impostos pelos dominadores desde as expansões marítimas. Seu trabalho constrói-se sobre relatos e histórias que demonstram os dois lados das narrativas, o do imperialismo e do periférico. Nessa perspectiva, a autora apresenta seus principais conceitos, zona de contato, ante conquista, autoetnografia e transculturação. Tais conceitos oportunizam o problematizar dessas zonas de contatos culturais que se chocam e se relacionam, seja por ideias revolucionárias, ou imposição religiosa, ou pela ciência. Neste sentido, a zona de contato, segundo Pratt, é definida como:

Os Espaços de encontros coloniais, nos quais as pessoas geográficas e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem reações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada (Pratt, 1999, p.31).

A autora demonstra que essas zonas podem ocorrer de diversas formas. Elas não se restringem a espaços geográficos de exploração, mas se manifestam em locais onde se criam identidades e mitos, sejam eles de dominação, de afirmação ou de resistência diante das dinâmicas do poder. Pratt situa seus estudos em uma linha cronológica, abordando as narrativas de forma dialética e contextualizando as histórias em seus aspectos históricos, políticos e culturais. A zona de contato é utilizada para evidenciar que as relações e poder ocorreram e persistem por vieses políticos, linguísticos, religiosos e até identitários. Nesta pesquisa o conceito de zona de contato não será utilizado de forma genérica, mas em níveis específicos e delimitados, conforme formulado por Pratt, a saber: zona de contato histórico-colonial, no que diz respeito as relações entre colonizador e indígena; a zona de contato discursiva, no que diz relação a mediação do autor com as fontes; e a zona de contato literária que se manifesta na linguagem poética. Essa perspectiva expõe as fraturas

na sociedade que insistem em manter os sistemas, dificultando a visibilidade ou a problematização de ordens dominantes. Tais ordens tentam impor sua cultura, buscando classificar, descrever e justificar as razões das explorações.

Nesse contexto, os termos “exótico”, “estranho” e “primitivo” constituem olhares moldados e construídos pelos discursos oficiais do Império, reproduzidos por relatos que persistem na história das nações. É o caso da narrativa de Alexandre von Humboldt que, segundo Pratt, descrevia seu contato com os indígenas sob uma perspectiva de “ante conquista”, apresentando uma reprodução literária semelhante àquela da carta de Pero Vaz de Caminha. O mesmo ocorre com o sistema Natural de Lineu, o qual, conforme Pratt, era carregado de estereótipos, reforçando o preconceito não somente contra os povos indígenas, mas contra todas as colônias. Esse sistema impôs uma escrita que não era a língua nacional de nenhum desses povos locais, elevando a escrita românica a um nível de alcance universal. A autora, assim, questiona as versões legitimadas como oficiais, em contraponto aos relatos extraviados ou não chegados até nós, o que impede a compreensão dos reais efeitos dessas imposições. Dessa forma, apenas a verdade do Império é conhecida.

Por isso, Aguiar (2011, p.7) afirma: Apenas uma das culturas passará a ter destaque, sendo esta geralmente a cultura do povo militarmente mais ‘forte’, pois é de maneira impositiva que se mudam os costumes e organizações sociais, econômicas, políticas, sociais, religiosas e artísticas do outro.

Nesse sentido, ao tomarmos como base a perspectiva da autora e aplicarmos a monografia de Gonçalves Dias, é perceptível não apenas uma zona de contato entre o poeta e o objeto narrado, mas também a relação de encontros entre grupos e subgrupos culturais. Isso gera uma multiplicidade de zonas de contato no estudo, criando uma narrativa discursiva que integra fatos históricos, imaginário cultural e dominação europeia. Essa narrativa se reestrutura a partir do contato com o “outro”, o que ocasiona o processo de transculturação. Segundo Pratt, (p.30), foi utilizado como resultado de todos os seus estudos, e na obra ele apresenta-se como a problematização desses espaços. A transculturação não se limita a trocas entre colonizador e colonizado, mas ocorre de forma mútua, na qual o dominante também recebe aspectos da cultura dominada, que são reproduzidos por meio do discurso e das interações sociais. O conceito permite perceber as trocas culturais, de como os colonizadores impõem sua cultura, mas também como absorvem parte da cultura local.

Pratt (1999), ao tomar emprestado o termo de Fernando Ortiz, faz menção a uma readaptação feita pelo uruguaio Ángel Rama na obra *Transculturación narrativa en América Latina*. Enquanto Ortiz descreveu as dinâmicas de perda, ganho e encontro entre culturas, Rama aplicou o conceito na literatura para descrever a transição das narrativas orais e tradicionais para as modernas. Ambos os autores formam a base do processo de zona de contato aplicado no estudo de Pratt, referencial que fundamenta nossa análise.

Nesse sentido, cabe esclarecer que Rama (2008) utiliza o termo transculturação não como um processo geográfico, mas como um conceito voltado as transformações internas da escrita literária moderna. Sobretudo no plano da linguagem, da forma narrativa e das técnicas literárias que, segundo o autor, a transculturação narrativa ocorre quando a literatura é capaz de prover “não apenas a matéria-prima, mas uma cosmovisão, uma língua, uma técnica para produzir as obras literárias” (RAMA, 2008, p. 25). Por essa razão, reconhecemos que as obras de Gonçalves Dias não se enquadram no corpus das narrativas modernas analisadas originalmente por Rama, visto que o poeta ainda operava sob modelos estéticos europeus.

O pressuposto central da transculturação literária, para Rama (2008), reside na linguagem, especialmente na capacidade de invenção verbal, aspectos que o autor encontra em Guimarães Rosa, sua expressão mais radical. Para o crítico uruguaio, o autor mineiro produz uma escrita que a “peculiaridade cultural desenvolvida no interior, a qual não foi obra única de suas elites literárias, mas o esforço ingente de vastas sociedades construindo seus linguagens simbólicos” (RAMA, 2008, p. 17),) ou seja, busca recriar algo novo na linguagem do brasileiro para romper o vínculo de dependência com as influências europeias.

Nossa proposta, todavia, busca estabelecer um diálogo em consonância com leitura de Pratt. Embora se compreenda que a escrita poética de Gonçalves Dias, seja sob a ótica dos critérios de Rama (2008), um produto oriundo de um projeto literário de razões políticas datadas, propomos, em nossa análise, que sua obra constitui uma tentativa precursora de transculturação. Ao tentar dar voz ao seu objeto, ainda que por um viés estético esperado pelos olhos imperiais, o discurso do poeta Gonçalves Dias carrega uma subjetividade que, ao nosso ver, demonstra a tensão real da situação dos povos indígenas diante da exploração. Essa tensão, conforme defendemos, envolvia não só esses grupos, mas também os africanos, que estavam igualmente invisibilizados na construção histórica

da nação, sendo relegados a apenas uma parte dessa história e não a elementos primordiais.

No entanto, mesmo que o poeta tentasse escrever uma história autêntica dos povos indígenas, ele ainda se manteve nos moldes do olhar europeu. Conforme Aguiar (2011, p. 14), “como no Brasil não houve idade média, segundo a “verdade narrada sob a ótica da história tradicional”, o resgate de nossa origem deu-se com base nos textos do período do “descobrimento” quinhentista”. Essa ideia demonstra que as poesias de Gonçalves Dias foram criadas a partir de uma limitação estabelecida na história nacional. Assim, a obra do poeta torna-se complexa, dividindo-se entre o homem que se considera brasileiro e o homem que foi assimilado pela cultura europeia. Tais questões fomentam o debate sobre a originalidade de suas poesias e permitem supor que a obra literária do poeta possa ter um encontro de influências de dois ou mais grupos.

Segundo Ricardo (1964, p.20), o indígena que Gonçalves Dias transpunha em sua poética não provinha de um outro lugar a não ser de seu próprio sentimento e imaginação poética; esse indígena surgia de dentro do poeta. Esse argumento demonstra que a autenticidade poética de Gonçalves Dias não era uma questão de ambientação, pois o seu indígena era criado a partir de sua verdade poética, fosse nas viagens à Europa ou no Amazonas. Essa sensibilidade ressoou com o público, como afirma Lúcia Miguel Pereira:

E todavia se o romantismo brasileiro, se teve uma característica pró vibrante, concordância entre a atividade literária e a sensibilidade popular, a adoção dos poetas pelo povo, que lhes cantavam os versos , que os sabia de cor. Repercussão que nunca se repetiu tão intensamente na história das nossas letras, e que se explica não só por ser o romantismo, de modo geral, menos escola literária do que estado de espírito , e pela simplicidade da forma nova com que exprimiu temas eternos, fundamentais , ao alcance de todos, como por ter surgido aqui justamente quando, no entusiasmos da independência recente, o Brasil foi mais cordado, mais vibrante , mais voltado para si, mais atento a própria voz. (2016, p.144).

Para a autora, a produção poética de Gonçalves Dias foi profundamente marcada por um percurso tanto histórico quanto etnográfico. Isso repercutiu nas suas poesias sobre a formação brasileira, a terra virgem e seus habitantes, os indígenas. Ele demonstrou uma sensibilidade única ao sentir o passado como algo atual em sua época, transposto para o seu presente, o que se estendeu por todo o seu trabalho cultural e literário. “É tanto assim que não se podem separar as suas poesias indianistas e os seus trabalhos históricos: antes, completam-se e se explicam mutuamente.” (PEREIRA 2016, p.153).

Diante desse fato, é inegável a ocorrência de uma tentativa de transculturação, pois o poeta não só atribuiu influências europeias em suas obras, mas também incorporou elementos da cultura indígena, como linguagem, crenças e rituais, criando o símbolo nacional do indígena em sua poesia. Essa abordagem é respaldada por Giron (2011, p.3) ao ressaltar que “O texto inaugurou os estudos de etnografia no Brasil, mesmo que tenha se apoiado somente em fontes secundárias e dispensado o trabalho de campo.

Essa visão é complementada por Ricardo (1964, p.26), ao afirmar que “O seu indianismo nada tem que ver com o romantismo europeu, embora o nosso índio figure nas origens do movimento, transformado em mito do "bom selvagem"; enquanto romantismo significa a volta à natureza, ao paraíso perdido, à idade de ouro”. É plausível mencionar que esse processo não se deu de forma aleatória. Seu olhar sobre o indígena partiu de reflexões sobre pesquisas etnográficas e a história dos jesuítas. Como lembra Pereira (2016, p.155) “o poeta não se deixou conduzir por impulsos românticos, mas que agiria de uma boa-fé, não inventando nada sobre os indígenas” e, ao escrever *Brasil e Oceania*, ainda mais patente se tornou essa concordância entre a poesia e as pesquisas”.

A autora nos mostra que, embora o poeta estivesse vivendo o romantismo em seu tempo, sua percepção e consciência eram avançadas sobre as causas dominantes dos processos culturais que ocorriam no Brasil, mais especificamente, nas culturas dos povos indígenas. O processo de colonização ocasionava uma perda da identidade cultural desses povos indígenas. Dentre os fatores dessa perda, o poeta perceberá duas ordens dominantes que regiam interesses diferentes, a ordem religiosa, focada na catequese e na liberdade dos indígenas, e os colonos, com interesses no trabalho escravo e na exploração. Conforme argumenta Dias (1973, p. 244), “Uns queriam neófitos, outros trabalhadores. Sobrevindo a luta, e envenenados os ânimos, já de nenhum lado se souberam contentar com o que era justo e razoável”. A disputa entre os missionários e os colonos portugueses revela que, antes mesmo do contato com o indígena, a relação de poder já se manifestava latente entre a religião e a política. Ambos possuíam como pano de fundo um sistema que visava impor uma ordem, seja ela através do trabalho ou pela igreja.

Sobre as suas reflexões na revista *Guanabara*, publicada no ano de 1850, Kodama (2003, p. 2) aponta que “O poeta brasileiro também esclareceria de sua parte a necessidade de estudo dos temas indígenas em um artigo escrito para o primeiro número da Revista [...] Naquele artigo, intitulado “História Pátria””. Nesse artigo, Gonçalves

Dias se posicionou em defesa dos indígenas, segundo Lúcia Miguel Pereira, “um autor moderno falaria em deculturação: Gonçalves Dias não conheceu a palavra, mas, com uma extraordinária intuição, sentiu que, com os índios, só podia ser efêmera a obra dos jesuítas”. (p. 372).

Observa-se que, com relação à história dos jesuítas, Gonçalves Dias se posicionava para representar e defender os indígenas. Entretanto, Lúcia Miguel Pereira argumenta que, quando o poeta redigiu a monografia Brasil e Oceania, ele só conhecia os índios que vira na sua infância, no Maranhão. Nesse sentido, essa monografia não pode representar a totalidade dos seus estudos indianistas, pois se tratava de leituras que o poeta fez sem observação direta, não servindo como base real para a observação e descrição etnográfica. No entanto, podemos apontar que o poeta também se baseou nas pesquisas feitas durante suas visitas às províncias do Maranhão, Pará e Ceará. Ele demonstrou uma preocupação com a historiografia e com os patrimônios municipais como fontes cruciais para futuros pesquisadores, assim como material para a etnografia, uma vez que, segundo Dias (1973, p. 249):

Não é justo que as municipalidades e arquivos provinciais sejam despojados de suas preciosidades. Convirá, portanto, procurar-se algum meio para que não sofram os arquivos provinciais com o engrandecimento do central. Pode no futuro encontrarem-se homens como os Srs. Acióli e Baena, que na falta de tais depósitos, nada ou muito pouco possam fazer em proveito da história do Brasil.

A atenção do poeta diante da coleta de materiais que seriam necessários para a preservação do patrimônio cultural dialoga com a preocupação de uma conscientização da historiografia em frente a uma pesquisa etnográfica? Sim, pois Gonçalves Dias buscou não só valorizar somente uma história geral na corte, mas a preservação do material histórico nas províncias, já que os historiadores locais necessitavam do acesso a esses documentos para a construção de um patrimônio municipal.

No entanto, o seu trabalho como chefe da seção etnográfica da comissão científica constitui não só o seu fundamental trabalho etnográfico, mas também o primeiro da etnografia brasileira do século XIX. Dessa produção, restaram apenas rascunhos e notas de um diário, escritos às margens do rio Amazonas em 1861. Nesse diário, o poeta fez catalogações e classificações, além de descrições de artefatos das culturas indígenas, frutos da sua observação direta (Pereira, 2016, p.384). Tratava-se de uma prática essencialmente etnográfica e etnológica, na qual o poeta registrou práticas culturais,

artefatos, conversas, lugares, tradições e saberes dos povos nas províncias onde foi ordenado secretário de instrução pública.

Por outro lado, observa-se que a construção da monografia do *Brasil e Oceania* (1909) é amplamente realizada sob uma perspectiva planejada, na qual o imperador Dom Pedro II esperava uma resposta do poeta. Ao traçar a pesquisa e mergulhar em narrativas de exploradores e crônicas de viajantes, o poeta não deixou de reproduzir um discurso na perspectiva do colonizador, o que, mais tarde Pratt, classificaria como uma reprodução dos olhos do Império.

De fato, podemos perceber alguns aspectos e elementos que o poeta discute nesse estudo, tais como a classificação dos grupos, as palavras e adjetivos utilizados para se referir ao “outro” e a produção de alguns estereótipos. Entretanto, também é possível notar a complexidade da sua reflexão dentro da obra, pois, ao descrever e analisar os povos em categorias distintas, Gonçalves Dias fazia questão de desmitificar algumas histórias. Isso confere a sua obra um tom crítico, tornando-a mais híbrida e complexa, entrelaçando a reprodução de um contexto colonial e uma ânsia pelo que ainda estava por vir. Embora não se trate de um estudo antropológico tradicional, a obra organiza a etnografia e o imaginário das narrativas oficiais, as quais ele selecionou de acordo com sua visão sobre o que seria um povo apto a ser civilizado e com modos para o progresso.

E nessa ótica interpretativa a obra de Gonçalves Dias pode ser lida, pois o poeta, em seu espírito científico e interpretativo, demonstrou que os grupos indígenas não apresentavam um mesmo padrão, e que cada Cultura possuía suas complexidades e valores, desde o uso da língua até o uso de artefatos. Ao fazer isso, ele buscou fugir dos padrões de poder estabelecidos pelo projeto político e literário. No entanto, o poeta ainda reproduziu os mesmos discursos, embora de forma sutil. Tais reproduções representam discursos em que o “outro” mantém um lugar de silenciamento e estranhamento, pois as falas subalternas não tiveram espaço nem voz na visão e descrição do colonizador. Mesmo que haja uma tentativa de empatia para visibilizar o “outro”, o discurso continua sendo controlado e construído por meio da fala e da escrita do observador.

Nesse sentido, é fundamental pensar as zonas de contato como resultado de processos transculturais. Mary Louise Pratt, ao abordar a origem e formação do romantismo no Brasil, argumenta que devemos pensar esse movimento não somente como de origem europeia que se expandiu pelo mundo, mas também como um fenômeno

construído a partir das relações entre diversas culturas. Essa visão discorda de Ángel Rama ao considerar que o contexto do romantismo não seria matéria para essa transculturação.

Pratt propõe que, assim como o Romantismo foi moldado em meio ao choque de culturas, ele foi transformado, e não somente transposto para nós. O Brasil, desde o descobrimento até meados do século XIX, ainda era um local de exportação de matérias-primas não só econômicas, mas também culturais e literárias, que resultavam em discursos para regiões dominantes. Ao adquirir uma matéria-prima do Brasil, o colonizador a transformava de acordo com sua aplicabilidade intencional e econômica.

Embora Gonçalves Dias seja fruto desse meio político assimilacionista e econômico, ele tentou, ao transculturalizar elementos europeus, africanos e americanos, transformar o romantismo e nacionalismo brasileiro. Assim, a relação de transculturação está intrinsecamente relacionada com o entrelugar ou o terceiro espaço de Homi Bhabha, que se constrói de forma híbrida. Este processo não se reduz a uma soma de culturas ou de sangues, mas emerge a partir de um contato complexo entre elas.

Assim, segundo Homi Bhabha (1998, p. 20), “E na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados”. Dessa forma, podemos compreender que a tentativa de Gonçalves Dias de selecionar e classificar os povos que estariam aptos ao progresso não se deu apenas pelos aspectos oriundos das narrativas oficiais hegemônicas, mas sim pela sua leitura e interpretação dos achados coletados em suas pesquisas e interlocuções com a realidade diversa.

Nesse sentido, Homi Bhabha o define como um terceiro espaço da enunciação, um local que ainda não está totalmente definido e que se constrói “no além”, fora das imagens estabelecidas. E essa ambivalência e resistência onde o discurso superior é reproduzido, mas subvertido, apontando diferenças e desafiando a própria estrutura de poder. É essa ambivalência que permite a análise da obra de Gonçalves Dias como um texto que, apesar de utilizar formas europeias, consegue ser crítico e complexo, formando uma nova linguagem que desafia a pureza e estilos de sua época assim como as narrativas oficiais.

Assim, a partir do que construiu entre poética, etnografia e pesquisa, Gonçalves Dias (PEREIRA, 2016, p.150) “recriou o nascimento da nação, os dramas sangrentos nas misteriosas florestas. Sentiu o passado como uma força viva, palpitante, sempre atual e daí a secreta unidade de poeta, de enólogo, de historiador”. Isso demonstra que o poeta constrói sua escrita por meio de uma transculturação que ultrapassa seus vieses literários, humanos e científicos, relevando os aspectos da hibridização como problematização ao contexto de sua época.

A seção a seguir apresentará a análise da monografia *Brasil e Oceania*, apresentando Gonçalves Dias como um intelectual ambivalente – uma ambivalência que não pode ser vista como falha moral, mas resultado histórico e discursivo, com base nos conceitos de transculturação de Pratt, além disso, será abordado o hibridismo tanto em forma geográfica quanto em seu discurso literário. Mas deixamos claro que Pratt não traz uma teoria que deve ser totalizante para Gonçalves Dias, mas apenas uma leitura como qualquer outra que seja possível, em especial no que diz respeito às dinâmicas coloniais, às zonas de contato e ao processo de transculturação.

AS RELAÇÕES DE PODER E ORGANIZAÇÃO SOCIAL PRESENTES NA MONOGRAFIA DE GONÇALVES DIAS

Embora Gonçalves Dias tenha se dedicado a fazer uma introdução detalhada em sua monografia *Brasil e Oceania (1909)*, desconstruindo os mitos reproduzidos por viajantes que afirmavam existir apenas uma língua falada pelos povos nativos, o poeta demonstrou seu posicionamento desde o início, estabelecendo uma relação de poder entre o objeto de estudo e o seu autor. Ainda que tenha mencionado a presença de outros grupos indígenas no território brasileiro, ele priorizou os Tupi, justificando sua escolha: “como foi a primeira que se ofereceu aos olhos dos europeus, a que em primeiro lugar se achou em contacto com a civilização, dar-lhe-emos também a preferência neste trabalho”. (Dias, 1909, p.10).

Gonçalves Dias propõe uma crítica implícita na introdução de *Brasil e Oceania*, uma questão que nos faz pensar no silenciamento dos povos indígenas. O poeta reconhece que a afirmação de uma história oficial, vinda de homens com poder, contribui para que somente uma ideia fosse revelada. Além disso, existiam vozes desconexas, com cada autor carregando a sua verdade e utilizando o indígena como objeto de discurso. É nesse

cenário confuso que a problemática do silenciamento se insere na pesquisa de Gonçalves Dias, cuja execução foi de início motivada por encomenda do Império.

Nesse sentido, para Gonçalves Dias, a língua apresentou um papel crucial não como um meio de comunicação entre os próprios povos e colonizadores, mas como um registro concreto da história. Pois a zona de contato existente na linguagem era um viés de constante transformação, o qual o poeta soube perceber e reproduzir em seus poemas. Essa língua é apresentada no *Brasil e Oceania* como afirmação de povos que apresentavam um padrão civilizatório na oralidade. “Com preferência a qualquer outra coisa, é a linguagem de qualquer povo o que nos dá melhor o quilate da rudeza que se acha, ou do progresso que tenha efeito”. (Dias apud KODAMA, 2003.7).

Para o poeta, não existia outro meio de se conhecer e compreender a complexidade de uma cultura a não ser pela linguagem, pois somente ela poderia desvendar as nuances e expressar os significados das culturas. Assim, a questão da língua estava diretamente ligada a todos os meios que o poeta utilizou para fazer a sua análise comparativa.

O fato de os colonizadores utilizarem as palavras indígenas e incorporá-las ao seu cotidiano para vida social e comércio foi uma forma de transculturação linguística. Eles realizaram isso diante de uma assimetria de poder, onde existia um grupo dominante e os indígenas, assim como escravos, necessitavam fazer essa adaptação para comunicação, visto que as línguas dos indígenas são variáveis e complexas.

Nesse caso, havia várias línguas dos indígenas e a língua do colonizador. Eles pegaram algumas palavras de origem indígena e as adicionaram à língua geral. Essa língua geral era uma espécie de zona de contato que se consolidou. Então, não houve um apagamento das línguas indígenas de forma direta, mas uma homogeneização, resultando nesse apagamento. pois pegaram palavra de uma única etnia e fizeram todos os grupos, assim como colonizadores, a usarem de forma geral.

Assim, Gonçalves Dias está problematizando essa homogeneização e a consequência do apagamento das demais línguas, trazendo uma observação relevante sobre as mudanças das linguagens em contexto de contato, tempo, espaço e distanciamento.

Modernamente se tem querido reduzir a uma só a estrutura de todas as línguas que foram encontradas na América; mas sem adoptar plenamente esta opinião que se torna suspeita pela sua mesma generalidade, não será muito arriscado considerar estas chamadas línguas diferentes como gírias ou dialetos produzidos pela dispersão de uma raça, e que como estas variam na razão do tempo em que se separaram, do espaço que percorreram, da distância em que

se achavam uma das outras , e das tribos com as quaes estivera em contato. (DIAS,1909, p.45-46).

Nesse sentido, observamos que a monografia apresentou cinco níveis de zonas de contato, os quais estão distribuídos por vias complexas em subcamadas na sua pesquisa. Isso ocorre porque não seria possível classificá-los de acordo com as ordens dos capítulos, mas foi possível percebê-los entre os discursos do poeta. Assim, a introdução, o primeiro, o segundo e o terceiro capítulo são uma prova de três níveis dessas zonas, que se distinguem como: Zona de contato entre cronistas e indígenas o poeta como analista e leitor e Zonas de contato entre os próprios grupos indígenas.

Assim, a primeira zona de contato entre cronistas e indígenas é estabelecida pela crítica das fontes na introdução e no primeiro capítulo, onde Gonçalves Dias discute a necessidade de relatar o encontro entre indígenas e europeus. O poeta, em sua introdução, justifica o esforço em coligir e confrontar essas diversas narrativas:

Não serão precisos encarecimentos para fazer compreender quão difícil é a tarefa, principalmente pelo discurso de mais de três séculos, acompanhados de uma tal multiplicidade e variedade de sucessos que ou poseram em esquecimento aquellas primeiras páginas da nossa história, ou as tornaram mais confusas. (Dias 1909).

Dias tece uma crítica às informações presentes nos textos, apontando que essas versões são múltiplas, fragmentadas e incompatíveis. A sua leitura adquire, assim, um caráter etnográfico. No entanto, o ato de classificar e selecionar nos conduz a segunda zona de contato, “o poeta como analista eleitor”, onde emerge a relação de poder que o próprio autor estabelece. É fundamental atentar para o contexto em que a monografia foi escrita. O uso de termos como “raça”, que, segundo Abdala Júnior, integrava uma estrutura de poder simbólico colonial, revela as assimetrias na classificação social:

Uma das assimetrias de poder simbólico colonial, sabemos, foi a classificação social a partir da ideia de raça – uma justificativa da dominação dos povos à escala mundial, uma construção mental que acabou por marcar as esferas científicas e que vem até nossos dias. Diferenças fenotípicas foram classificadas como biológicas, com a raça identificada com determinados territórios e constituindo princípio básico de classificação social. A ideia de raça foi colocada, assim, como conceito de legitimidade, com respaldo na ciência da época. (p.17).

Desse modo, *Brasil e Oceania* “foi considerada como a primeira produção etnográfica brasileira, o que dá a Dias o seu posto de, também, primeiro etnógrafo brasileiro” (MORAES GUIMARÃES,2024 p.153). Isso ocorre embora Lúcia Miguel

Pereira considere somente a sua escrita sobre observação direta, como a registrada em seu diário de viagem ao rio Negro como genuinamente etnográfica. A relação de poder ocorre não somente ao descrever os indígenas, mas no próprio ato de sua escrita, pois “Ainda que sua descrição passe uma imagem positiva desses índios [...] não há como evitar uma certa posição de superioridade do sujeito que observa e descreve a situação” (RENATA RIBEIRO LIMA, 2022, p. 126).

Nesse sentido, a zona de contato que se manifesta como analista e leitor se refere ao filtro crítico na escolha do poeta entre as fontes que levanta. Um exemplo é o caso dos registros feitos por Léry e Thevet. Para o poeta, as nuances que fizeram os dois homens divergirem em suas ideias não eram tema para sua monografia, pois o fato que o poeta levou em questão foi o que, segundo ele, seria mais próximo do verdadeiro. Assim, ele se apoia em uma linha dualista, pois fica entre a fala de um e de outro, selecionando o que considerava o melhor para compor o seu trabalho.

Sei que Léry, escritor exacto, censura a falta de consciencia de Thevet, e o acoima de vícios e defeitos que completamente o desabonariam; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico? Não haveria alguma inimizade de partido, religioso ou politico? E o que malogrou a expedição de Villegagnon não é o que se manifesta nas diatribes destes dois autores, e na acrimonia com que reciprocamente se tratam? Como quer que seja, procurando a verdade onde quer que a encontre, se não reputo muito exacta a Theogonia de Thevet: mas o que se não póde deixar de reconhecer no extrato do Sr. Ferdinand Diniz é que a côr local como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do autor francez, a indole dos Tupys o caracter das poucas tradições que delles nos restam e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos nellas empregados, desafiam e desculpam a credulidade. (DIAS, 1909, p. 117).

Essa relação de poder também se manifesta na organização social interna dos próprios grupos estudados, o que caracteriza a terceira zona de contato, “contato entre os próprios grupos indígenas”. Os tupis apresentavam uma ordem social em que a organização grupal era essencial para a subsistência. Gonçalves Dias descreve essa organização ao afirmar:

Os rios, as florestas, as montanhas eram suas· marcos divisórios ;, mas quando uma das margens do rio era ocupada por Tribos de, lingua differente da que fallava:mos da margem oposta, ou quando uma floresta se interpunha entre ambos, nem sempre taes raias serian respeitadas : então desfrutada promiscuamente por ambos, deverião ser motivo de desavenças, e de ordinario o seu campo de batalha. (DIAS, 1909, p.25).

Aqui, estamos diante de um primeiro exemplo de zonas de contato geográficas no terceiro nível, pois demonstra a existência de liderança, poder local e cultura. Esse

fato, mencionado por Gonçalves Dias, revela que as relações internas nos grupos, como o domínio do espaço geográfico, estavam diretamente ligadas ao uso da língua. Nesse sentido, o segundo capítulo de *Brasil e Oceania* faz uma extensa diferenciação entre os grupos situados no litoral do Brasil. Entre esses grupos, o que o poeta do maior destaque são as lutas intertribais entre os povos antes mesmo da chegada dos europeus.

Novos ramos da mesma família saindo também das florestas, onde, como do seu pequeno número se conjectura, teriam residido por mais tempo, vieram com mais ou menos fortuna disputar a posse do litoral aos recém-chegados, fazendo alianças ou guerreando entre si. São os tupiguás-os maracás, os arobajáras, ybirajáras e outros, cujos nomes apenas se conservam na tradição destas lutas. (Dias, 1909, p.39).

Como podemos observar, as assimetrias de poder aconteciam muito antes da chegada do colonizador, no qual as lutas por territórios, vistas como tradições entre os grupos, foram um dos fatores que contribuíram para a justificativa da colonização e deram um acesso oportuno para os colonizadores se aliarem a tribos inimigas. Esse nível de análise se aprofunda no episódio envolvendo Caetés e Tabajaras, cujos eventos foram instrumentalizados como justificativa para a escravização. A distinção e sua instrumentalização são expostas por Dias:

Os Tabajaras e Caetés pertenciam a mesma origem, e falavam a mesma língua- os primeiros foram conhecidos pela docilidade e fé que souberam guardar aos Portugueses; - enquanto o naufrágio e assassinato do Bispo Sardinha, e os decretos com que foram depois fulminados sem tirar aos últimos a reputação de valentes e belicosos que tinham, os tornaram conhecidos como gente atraçoada, sem fé, nem verdade alguma. Contra este decreto nada tiveram os colonos que alegar, porque o proveito que tiravam da escravatura indígena, fez com que todos os índios que puderam apanhar às mãos, fossem considerados Caetés. (Dias, 1909, p. 30).

Gonçalves Dias expõe que os motivos de captura desses grupos estavam ligados ao fato de que ambos eram talentosos na dança e música, o que é evidenciado no trecho: “Os Caetés e Tobajaras eram igualmente grandes músicos e bailadores, os chamam as crônicas.” (Dias, 1909, p. 31).

O poeta trouxe informações relevantes sobre a história dos indígenas, relatando momentos de explorações e capturas, onde os povos se tornavam objetos e propriedades dos colonizadores. Essa profundidade de análise é fundamental, pois, conforme afirma Renata Ribeiro Lima (2022, p.125), “Isso demonstra que a sua preocupação com eles não se dava somente no campo estético, mas também no histórico e material.”

Nesse contexto, ao propor uma análise de representação de uma zona de contato, observou-se que as ramificações desses conceitos eram muito mais abrangentes do que uma tradicional análise temática. A quarta zona de contato “transculturização e mito indígena” é percebida na cultura indígena, onde as figuras míticas também tinham um papel moral e sofrem uma transculturização no processo de registros. Logo, esse processo não seria uma troca igualitária, mas aconteceria através de uma assimetria de poder. Para os colonos, o ato transcultural é uma forma política de comércio, e para os indígenas, seria um ato de sobrevivência e resistência.

Esse processo acontece tanto na representação dos relatos dos cronistas como nos grupos indígenas. Podemos confirmar essa transculturização no capítulo terceiro no qual Gonçalves Dias descreve sobre as perdas, ganhos e trocas entre os próprios grupos com colonizador:

Posto isto, e o argumento do presente para o passado, e do physico para o moral, concluimos que assim como se modificou o Aymoré, em contato com os tupis e com os Europeus, -assim também os goiakases, os goianases e outros desta denominação podiam ter modificado os seus costumes, com grave alteração no seu estado moral. Tanto esforço e tempo deverão ter sido consumidos pelos puris antes de cgeraem a perder o cistume de mutilarem o rosto, que era a seu modo no que consistia o belo physico; -quanto pelos Goiakases até que perdessem o habito de anthropophagia, coiss ambas que a bravura e galhardia militar lhes aconselhava. (Dias.1909, p.59).

Gonçalves Dias descreve um processo de aculturação além do ato da transculturização, no qual, segundo Pratt, esta assimetria de trocas que não são livres se organiza ao longo do tempo, não sendo algo rápido. O poeta registra essa perda ao longo da história, em que surge também um terceiro espaço. Essa mistura desses grupos e a perda de alguns costumes ocasionam o processo híbrido onde o indígena fica na ambivalência.

Para Homi Bhabha (1998), essa ambivalência vai se configurar nesses espaços que não são estáticos. Ela se manifesta na cultura, material e imaterial, nos mitos, nas identidades e na linguagem. O terceiro espaço, não sendo identificável, confunde-se com o hibridismo, pois não é somente uma mistura, seja por resistência ou de forma livre, mas é uma troca onde surge um lugar que não está situado no próprio homem.

Nesse contexto, tomamos o conceito de hibridismo, que, após sofrer ressignificação ao longo do tempo, é aqui adotado em sua relação com a perspectiva de Homi Bhabha (1998). O hibridismo aqui usado explora como as formas literárias de Gonçalves Dias revelam uma mistura entre as culturas, que é muito simbólica. A linguagem de Gonçalves Dias mistura elementos da cultura indígena e da cultura europeia, criando

assim um espaço híbrido. Bhabha o define como um terceiro espaço, ou lugar da cultura, no qual se cria uma identidade que não está totalmente definida. Essa ambivalência se manifesta na obra de Gonçalves Dias.

ANÁLISE DOS POEMAS *OS TIMBIRAS E I-JUCA PIRAMA*: A PRESENÇA DO HIBRIDISMO NOS POEMAS

Nesta seção, examinam-se as obras *Os Timbiras* e *I- Juca Pirama* a partir das tensões entre o discurso histórico-etnográfico e a criação poética. Para tal, recorre-se ao conceito de hibridismo, buscando compreender como Gonçalves Dias articula diferentes matrizes culturais na construção de sua narrativa épica.

Como ponto de partida para explicar a complexidade de *Os Timbiras*, utiliza-se a perspectiva de Braz (2017, p.34), que questiona a autenticidade das fontes do poema épico, pondo em dúvida sobre a fronteira entre a veracidade da narrativa histórica versus a inspiração poética. O poeta reproduz os moldes das narrativas maravilhosas em seu poema, embora tenha desprezado o imaginário fantástico dos viajantes em *Brasil e Oceania*.

Essa contradição, que está no cerne da crítica literária, é o que define o hibridismo. Essa manifestação no poema se dá na mistura entre a temática indígena e o estilo épico camoniano, assim como na inserção de palavras de origem tupi. Essa mistura de discursos é vidente já na abertura do poema, onde a simbologia cristã é invocada para narrar a guerra indigna, juntamente com os deuses da mitologia grega.

Em vez de o poeta evocar os deuses gregos para o canto épico, ele evoca a sombra do selvagem guerreiro. “Essa sombra ela não representa uma vitória ou um feito grandioso, mas se apresenta como um lamento, um passado, uma história, é a imagem de um herói humanizado”, segundo Grizoste (2013).

Os ritos semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriam
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira.— Evoco a sombra
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,
(DIAS, 2023, p.13)

Isso se configura com o exílio que, segundo Renata Ribeiro Lima (2019), aponta para um indígena sem lugar, sem história, longe da sua pátria, ou exilado na sua própria terra que se mistura na própria personalidade e vida do poeta descrita em suas cartas. É a ideia ambivalente que, segundo Homi Bhabha (1998), fica entre o passado e a ruína do presente. O poeta traz aspectos que discutiu na sua monografia, como a ausência da fala, da oralidade, das mitologias e valorização das versões dos próprios indígenas. O silenciamento é visto no poema e na nona estrofe a seguir:

Severo e quase mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, – o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inúteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus pais, embalde
Procura asilo, e foge o humano trato.
(DIAS, 2023, p.13)

Nesse sentido, não somente a primeira estrofe da introdução do poema *Os Timbiras* apresenta elementos híbridos e aspectos de ganho, mistura de perda de culturas, mas no decorrer de toda a obra é notável uma grande comparação entre fontes semelhantes às descrições que o poeta acentuou em sua monografia.

Veremos no segundo canto a importância dos sonhos para os grupos indígenas. O sonho nesse contexto apresenta uma figura divina e é respeitado, pois não são todos que recebem sonhos além dos pajés. Assim como no *Brasil e Oceania*, os sonhos eram vistos como algo divino, algo sobrenatural muito respeitado pelos povos. Assim, nos demais trechos de *Os Timbiras*. se vê uma grande exaltação sobre o valor do sonho, pois este sempre a certeza da vitória ou a derrota ao destino desses homens. “os sonhos e a vida só dois galhos gêmeos; são dois irmãos quer um laço amigo aperta: a noite é o laço; mas tupa é o troco e a seve e o sangue que circula em ambos” (Grizoste, p.35).

Como afirma Ramalho, “por um viés, o (a) poeta (isa) demonstra uma visão crítica em relação a aspectos do plano histórico, e, por outro, uma visão alienada em relação a outros”. (BRAZ apud RAMALHO, 2023, p. 103). É nesse meio complexo que surge uma representação da transculturação. Ao incorporar palavras da língua tupi em um estilo camoniano, Gonçalves Dias realiza a transculturação no campo literário, criando a complexidade que justifica a análise de sua obra na perspectiva pós-colonialista.

Para Braz (2017, p. 33), o poeta, ao escrever “Os Timbiras”, fica em um espaço que, primeiramente, apresenta uma voz de denúncia e, em seguida, uma voz de alienação.

Nesse sentido, é possível perceber o terceiro espaço no qual a identidade nos “Timbiras” é a de um homem deslocado que não consegue se identificar em um território e cultura devido à perda e à assimilação.

No trabalho, MELO E SILVA (2023) realizam uma análise comparativa de dois poemas de Gonçalves Dias, *O Soldado Espanhol* e *I Juca- Pirama*. Sua pesquisa visa estabelecer uma interseção entre sociolinguística e literatura. Especificamente em *I Juca- Pirama*, o diálogo estabelecido entre personagens apresenta a relação das variações linguísticas presentes na obra.

Apartir dessa evidência, observamos que tal variação não é apenas um recurso estilístico, mas a materialização do hibridismo que discutimos anteriormente. Em nossa análise, essa pluralidade de vozes e registros linguísticos em *I -Juca Pirama* comprova como Gonçalves Dias negocia a identidade do indígena, ao mesmo tempo em que usa a norma culta europeia, ele permite que a variação linguística atue como uma zona de contato, onde a cultura do outro, emerge através da linguagem.

Nesse sentido, o Hibridismo da linguagem se manifesta claramente quando a fala dos personagens reflete a instabilidade linguística da época, misturando falas da língua portuguesa e da língua tupi. Nesse trecho o poeta faz uma representação desses encontros culturais que se dão pela linguagem. Esse lugar não definido é a prova textual da zona de contato, como podemos perceber nesse trecho, o guerreiro timbira utiliza palavras muito bem conjugadas que não remetem a um vocabulário oral:

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.
(Dias 1969, p. 3.)

Observamos que, em *I-Juca Pirama*, a eloquência é uma marca fundamental para Gonçalves Dias. Através dela, ele consegue capturar um momento de dor e glória em uma cena do cotidiano dos grupos indígenas que se torna emblemática. Embora o poeta tenha transposto muito de sua monografia para seus poemas, a essência da pesquisa se apresenta, sobretudo, nas suas linguagens poéticas.

Nesse sentido o hibridismo em *I-Juca Pirama* se apresenta principalmente na inserção das palavras do poeta na colocação de termos da língua tupi e da sua língua formal. Podemos observar que o poema *I-Juca Pirama* é uma narrativa que descreve o terceiro nível de contato entre os próprios grupos indígenas, um dos níveis mais

elaborados no *Brasil e Oceania*. Para Gonçalves Dias, as brigas intertribais foram um dos motivos que facilitaram alianças entre tribos vizinhas e colonizadores.

Assim como *Os Timbiras* apresenta o exílio, em *I Juca-Pirama* ele também está presente. As guerras entre os grupos são um dos temas principais de Gonçalves Dias, pois ele não apenas descreve a inimizade entre tribos, mas relata as dinâmicas de poder e relações assimétricas. Segundo o estudo do *Brasil e Oceania* e os dois poemas, os grupos timbiras eram vistos como os mais fortes e sempre dominadores.

Assim, Melo e Silva (2023, p.17), argumentam que a variação linguística se deve ao fato de que:

Uma vez que as “poesias americanas” se passam em um período primitivo da colonização, poder-se-ia imaginar, com algum esforço, que tanto o guerreiro de “I-Juca-Pirama” como aquele de “O canto do guerreiro” estão em um momento em que o português não está estabelecido, em que a fixação do fonema /l/ nessa palavra ainda não ocorreu, ou que, ainda aprendendo o português, esses “eus” substituíam os fonemas.

A transculturação se apresenta na forma literária através dos contatos que representam os encontros da linguagem entre os personagens. O poeta, ao misturar essas falas, representa as complexidades linguísticas que se interligavam naquele período histórico:

A variação linguística torna-se, irremediavelmente, um resultado direto do processo de multiplicação do eu-poético, que se torna vários – guerreiro, pai, líder de tribo, soldado do medievo, voz contadora de histórias – e que, por consequência, precisa se expressar, dizer, de modos diversos. Ato que somente pode se concretizar através das variantes da língua. O literato subordinou a métrica à força da expressão. (MELO E SILVA,2023, p.19).

Assim, as múltiplas fala do poeta, o seu desdobramento para um retrato fiel na sua narrativa, seu foco em entregar um poema que representasse, segundo sua ótica, a voz do indígena, mesmo na tentativa de representar uma voz que foi silenciada, o poeta ocasionou uma transculturação nas suas obras literárias, não no sentido de Angel Rama, pois Gonçalves Dias não criou nenhum neologismo mas misturou a estética padrão com a língua geral, criando um indígena exilado, deslocado entre a zonas de contato nos demais grupos, esses processos assim como o hibridismo, formam uma obra com sentido ambivalente pois apesar de Gonçalves Dias se mostrar muito a frente ao seu tempo como disse Lúcia Miguel Pereira, “ como pode o poeta pensar em deculturação”, ela ainda assim seguiu os moldes estabelecidos pelos europeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa não teve a pretensão de esgotar a vasta obra de Gonçalves Dias, mas sim de lançar luz sobre as fendas de seu discurso por meio dos conceitos de zona de contato, transculturação e hibridismo. Este recorte bibliográfico focou-se na relação entre prosa científica e a poesia, deixando de fora, por exemplo, a análise de suas peças teatrais ou de sua correspondência pessoal, assim como as suas demais poesias produzidas durante a sua viagem ao rio negro, que poderiam oferecer outras camadas de interpretação sobre a sua figura pública e como resultado de matéria transcultural. Ao revisitar os textos sob uma lente contemporânea, confirmamos que os objetivos centrais da pesquisa foram plenamente alcançados, revelando um autor muito mais complexo do que o simples "poeta do nacionalismo". Sua produção antecipa problemáticas pós-coloniais ao desafiar a linearidade das narrativas oficiais. Na monografia "Brasil e Oceania", o poeta não se limitou à comparação etnográfica, mas operou em um espaço simbólico onde as culturas se chocam e se transformam.

A análise demonstrou que obras como *Os Timbiras* e *I-Juca Pirama* não são apenas relíquias do Romantismo, mas locais de resistência linguística e cultural. Nesse sentido, o método comparativo sustentou a descoberta que o "terceiro lugar" da cultura, está presente em *Os timbiras* onde a identidade não é estática, mas fruto de um hibridismo tenso. Em *I-Juca Pirama* constatou-se as variações linguísticas e os choques culturais expostos evidenciando uma zona de contato viva, onde a voz indígena, mesmo mediada pelo poeta, impõe sua presença e complexidade diante do cânone ocidental

Portanto, a obra de Gonçalves Dias revela-se como um produto de transculturação. Sua posição ambivalente, entre o dever político para com o Império e a sensibilidade crítica para com as nuances indígenas, marca um discurso atravessado pelas dinâmicas coloniais do século XIX. A relevância deste estudo para a área de Letras e para os Estudos Pós-Coloniais reside justamente em resgatar a monografia *Brasil e Oceania* como um texto chave para entender essas tensões é um discurso que ainda dialoga com as urgências de reconhecimento e alteridade do século XXI, mostrando que a construção da identidade nacional permanece um processo em constante negociação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA Júnior, Benjamin. **Comparatismo literário e diversidade cultural: questões políticas.** In: Anais Do I Encontro De Diálogos Literários: Um Olhar Para Além Das Fronteiras. [S. l.: s. n.], s. d. p. 15–25.

AGUIAR, Fabrício César de. **Os reflexos exploratórios da colonização presentes em “O canto do Piaga”, de Gonçalves Dias: uma abordagem pós-colonial.** Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, [S. l.], v. 21, p. 6-18, 2016. DOI: 10.5433/1678-2054.2011v21p6. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/article/view/24970>. Acesso em: 3 out. 2025.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Exames nos arquivos dos mosteiros e das repartições públicas para coleção de documentos históricos relativos ao Maranhão.** Revista de Biblioteconomia de Brasília, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 241–250, 1973. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/28552>. Acesso em: 23 nov. 2025.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Últimos cantos: poesias.** Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851.

DIAS, Antônio Gonçalves. **O Brazil e a Oceania.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.

DIAS, Gonçalves. **Juca Pirama. In: DIAS, Gonçalves. Antologia poética.** 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969. Disponível em: www.culturatura.com.br/obras/l%20-%20Juca%20Pirama.pdf. Acesso em: 10 dez. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRON, Luís Antônio. **O etnógrafo enfarinhado: Gonçalves Dias na guerra contra o Entrudo.** Métis: História & Cultura, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1076>. Acesso em: 2 abr. 2025.

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. **Os Timbiras: os paradoxos anta épicos da Ilíada brasileira.** 2013. Tese (Doutorado em Poética e Hermenêutica) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

KODAMA, Kaori. **O Tupi e o sabiá: Gonçalves Dias e os estudos sobre o índio em Brasil e Oceania.** In: Simpósio Nacional de História, 22., 2003, João Pessoa. *Anais.* João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 1–8. Acesso em: 15 ago. 2025.

LIMA, Renata Ribeiro. **A ficção epistolar de Gonçalves Dias: identidades na cena da escrita.** Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

LIMA, Renata Ribeiro. **As facetas do humano na percepção gonçalvina: uma análise da correspondência e do diário de viagem à Amazônia.** *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 139–166, 2019.

MELO, Eduardo Oliveira; SANTANA, Gilberto Freire de; SILVA, Maria da Guia Taveiro. **O soldado espanhol e o guerreiro tupi: a variação linguística na poesia de Gonçalves Dias.** Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 12, n. 3, p. 5–23, set./dez. 2023.

MORAIS, Solange Santana Guimarães; SANTOS, Jacielle da Silva; LOPEZ, Cristian Javier (org.). **Memória, cultura e ressignificações do passado: perspectivas literárias.** Maranhão: Editora UEMA, 2024.

OLIVEIRA, Andrey Pereira de. **A utopia indianista de Gonçalves Dias.** DLCV, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/7494>. Acesso em: 9 dez. 2025.

PALMEIRA, Ariene Braz. **A Confederação dos Tamoios e Os Timbiras: historicidade do índio brasileiro.** 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

PEREIRA, Lucia Miguel. **A vida de Gonçalves Dias: contendo o diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2016.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Tradução de Jesio Hernani Bonfim Gutierre. Revisão técnica de Maria Helena Machado e Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina.** 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

REDFIELD, Robert et al. **Memorandum for the study of acculturation**. **American Anthropologist**, v. 38, n. 1, p. 149–152, 1936. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/662563> . Acesso em: 9 set. 2025.

RICARDO, Cassiano. **O indianismo de Gonçalves Dias**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura; Imprensa Oficial do Estado, 1964. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 2 abr. 2025.